



Valor Econômico

2 | Valor | Sexta-feira, 29 de novembro de 2024

INÊS 249

EU&

A Casa Slará fica na Praia do Preá, no Ceará, considerada um dos melhores destinos do mundo para kitesurf

De início, o lugar seria um imóvel de veraneio para Julio Capua, ex-sócio e fundador da XP Investimentos. Logo os planos tomaram outros rumos (e outra amplitude). Com projeto do arquiteto carioca Miguel Pinto Guimarães, a casa se tornou um hotel boutique com apenas oito suítes, todas voltadas para o mar. É literalmente pé na areia. Até por volta de 10h ou 11h, a praia em frente é propícia ao banho. Desse horário em diante, os ventos alísios dão início ao show de pipas dos kitesurfers.

Há voos diretos de Guarulhos, por exemplo, com duração de três horas. A duração das estadas varia, sobretudo para os que desejam praticar o esporte. Iniciantes acabam por passar ao menos uma semana na Casa Slará, tempo mínimo para evoluir do conhecimento dos intrincados equipamentos até conseguir velejar as ondas e, quem sabe, deslocar-se até outras praias, arriscar saltos acima do mar.

Além das circunstâncias da pandemia, Julio Capua aponta que o câmbio beirando R\$ 6 por dólar também tem beneficiado o turismo no Brasil, tanto para os brasileiros quanto os estrangeiros. "E o país tem muitos tesouros e paraísos subvalorizados, a serem revelados", argumenta. "Esse turismo que busca contato com a natureza ganhou muita força após a covid-19. Assim como as viagens relacionadas a esportes. Somente no ano passado, 300 mil gringos visitaram o Ceará para praticar kitesurf, que é uma modalidade para todas as idades."

Até mesmo destinos mais consolidados do ecoturismo de luxo sentiram os ecos benéficos da mudança dos fluxos de viajantes brasileiros pós-pandemia. O presidente da BLTA (associação brasileira de turismo de luxo, na sigla em inglês), Roberto Klabin, parte de sua própria experiência para exemplificar o que aconteceu. Há cerca de 40 anos, Klabin é dono do Caiman, um projeto no Pantanal baseado em três pilares: o turismo, de observação da fauna selvagem; a conservação e a pecuária.

Segundo Klabin, o Caiman de início era voltado para o público estrangeiro, inspirado em iniciativas similares da África, em termos de safári fotográfico. Até 2011, 80% dos visitantes vinham de fora, contra 20% de brasileiros, que sempre viam o Pantanal como um lugar inóspito. A partir daquele ano, houve uma primeira mudança, com a criação do projeto Onçasafári, que visava a "habituação de onças a



veículos". Até então acostumados ao avistamento de aves, os turistas de fora ganharam mais um motivo para se hospedar na propriedade.

Em 2019, após um incêndio, Klabin conta que resolveu fazer uma reforma que iria "mudar por completo o padrão de qualidade" de seu empreendimento. Veio então a pandemia "com brasileiros impedidos de viajar para fora, e estrangeiros impedidos de vir ao Brasil". O ano de 2020 fora uma "catástrofe", mas já em 2021 os brasileiros chegaram a 95% dos hóspedes do hotel. No ano seguinte, a relação continuou favorável ao turismo doméstico — 80% para 20% —, e no ano passado voltou a inverter, 60% de estrangeiros contra 40% brasileiros, "mesmo assim um avanço considerável na presença do hóspede brasileiro", segundo Klabin.

"Esses viajantes nacionais de alto poder aquisitivo descobriram o Brasil. Foram para a Chapada dos Veadeiros, para a Amazônia etc. Foram para lugares aonde brasileiros não iam porque nossa elite sempre depreciou o país, ao invés de levá-lo", pondera.

Professora e pesquisadora em turismo na USP, e ex-gerente de Informação e Inteligência de Dados da Embratur, Mariana Aldrigui ressalta que entre 2020 e 2021 houve um "redirecionamento do consumo de produtos e serviços ligados ao turismo de luxo" no Brasil. Segundo ela, sempre houve um grupo significativo de brasileiros consumindo luxo, mas, com a pandemia, agentes e operadores de viagem que atendem a esse segmento mapearam a oferta de experiências no Brasil e conseguiram excelentes resultados. "Ao mesmo tempo, produtos brasileiros que sempre se dedicaram a atender estrangeiros fizeram adaptações para o público de alta renda local", afirma.

Dono de uma consultoria de viagens de luxo e da Kaiara, empresa que organiza viagens de barco na Amazônia, Martin Frankenberg afirma que a busca por destinos remotos, no pós-pandemia, parte também de uma tendência internacional. "O brasileiro rico, fa-



O Hotel Toriba, em Campos do Jordão, viu a procura por seus chalés explodir em 2021

rialimer, que frequenta os safáris da África, começou a ver que tem produto de alta qualidade aqui", afirma, fazendo uma ressalva. "É incrível que no Brasil, com uma costa de mais de 8 mil quilômetros, ainda não tenhamos redes internacionais como Aman ou Six Senses, tradicionalmente ligadas à hotelaria de alto padrão na praia. Mas temos uma vantagem: o jeito de receber do brasileiro, que é especial e único."

Não apenas destinos remotos têm se beneficiado deste incremento do turismo de luxo nacional. Inaugurado em

1943, o Hotel Toriba, em Campos do Jordão, viu a procura por seus chalés explodir em 2021, segundo o arquiteto Aref Farkouh, há dez anos à frente da propriedade. Famílias habituadas do hotel faziam dele suas casas na montanha. Associado a isso, a possibilidade de trabalho remoto aumentou ainda mais a procura pelo Toriba. Segundo Farkouh, de 2022 em diante a ocupação estabeleceu um pouco abaixo de 2021, mas permaneceu ainda acima de 2019. Em dez anos, a equipe mais que dobrou.

Essa nova onda de hóspedes trouxe mudança de parâmetros ao Toriba. O grande apelo por aventura levou à criação do Aventoriba Lodge, outra opção de acomodação, dentro do Parque Estadual de Campos do Jordão, conhecido como Horto Florestal. É um investimento em gastronomia. Hoje são 11 restaurantes, sendo que o *hy* oferece menus degustação sazonais. O hotel também passou a abrigar uma tabacaria para os aficionados por charutos, assim como um espaço dedicado a degustação de vinhos.

Até março, o Toriba planeja abrir mais quatro chalés, que vão ter uma sala em comum e uma cozinha completa. A família pode trazer o cozinhador de sua preferência, e o hotel se encarrega da logística de compras. Ou o Toriba prevê cozinhador próprio.

E por falar em vinho, o condomínio Fazenda Vista Verde, cujo lançamento da sua primeira fase está previsto para dezembro de 2024, vai abrigar o primeiro Vik Hotel do Brasil, com 30 acomodações, vinhedos e uma piscina de ondas. O empreendimento, da construtora e incorporadora UN Interbis, vai reforçar o enoturismo no interior de São Paulo, mais precisamente em Araçoiaba da Serra.

Adrian Estrada, CEO da empresa, conta que buscava um projeto no interior de São Paulo que fosse "ligado ao mundo das artes, que conversasse com gastronomia e o mundo dos vinhos", e, ao mesmo tempo, conectado com natureza, com uma proposta de luxo diferente, que não fosse o luxo ostentado. "Quando vimos o sucesso que a marca Vik vinha tendo, do Chile para o Uruguai, e depois para a Itália, entendemos que ele se encaixaria como uma luva no empreendimento", diz.

Na contramão dessa maior adesão do viajante brasileiro ao turismo doméstico de alto padrão, vale ressaltar que a chegada de estrangeiros ao Brasil também cresceu — mais de 10% — nos oito primeiros meses de 2024, segundo a Embratur, órgão de promoção do país no exterior. O aumento da receita com gastos de turistas vindos de fora já foi batido no Brasil. Para Simone Scorsato, ex-CEO da BLTA e hoje gerente de Eventos Internacionais da Embratur, "o país é um destino que está começando realmente a ser descoberto por outros nichos de mercados consumidores, como o próprio turismo de luxo, que sempre foi um grande desafio".

Scorsato pondera que, ainda hoje, as expectativas entre os dois tipos de turistas, no entanto, nem sempre se equivalem. Enquanto o turista estrangeiro está mais aberto para experiências culturais e para o que é novo, o brasileiro, ao olhar para o próprio país, ainda se lança a comparações que não cabem. Para ela, o que deve nortear a ideia de luxo, no turismo doméstico, é a excelência do serviço. "O luxo é inspiracional. Há dez anos, ser recebido num hotel com uma cartinha de boas-vindas era o máximo, hoje é padrão. O elemento surpresa é fundamental. E isso pode ser traduzido em várias coisas. Em observação, cuidado, afeto. Não pode ser algo engessado". ■



Caiman, um projeto no Pantanal baseado em três pilares: turismo, conservação e pecuária